



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

WANDRO LOPES DA SILVA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA À LUZ DO GÊNERO CORDEL:
DELINEANDO POSSIBILIDADES**

CAJAZEIRAS - PB

2017

WANDRO LOPES DA SILVA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA Á LUZ DO GÊNERO CORDEL:
DELINEANDO POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

Cajazeiras – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S586v Silva, Wandro Lopes da.
A variação lingüística a luz do gênero cordel: delineando possibilidades / Wandro Lopes da Silva. - Cajazeiras, 2017.
38f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Variação lingüística. 2. Sociolingüística. 3. Preconceito linguístico. 4. Gênero cordel. I. Silva, Abdoral Inácio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'27

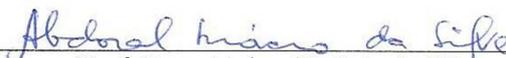
WANDRO LOPES DA SILVA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA À LUZ DO GÊNERO CORDEL:
DELINEANDO POSSIBILIDADES**

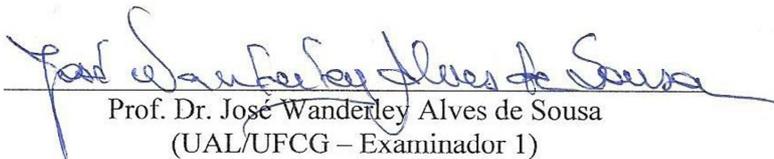
Monografia apresentada ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 21/05/2017

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/UFCG – Examinador 1)



Prof.ª Ms. Rozilene Lopes de Sousa
(UAL/UFCG – Examinador 2)

Prof.ª Dr. Jorgevaldo de Sousa Silva
(UAL/UFCG – Suplente)

Em primeiro lugar a Deus que me permitiu chegar até aqui, ajudando a superar as atribulações que passei durante esse período, a minha Família que, de algum modo, me incentivaram e acompanharam a minha jornada, aos meus amigos pela eterna paciência, e a todos que de algum modo entenderam meu cansaço e minhas preocupações. Meus mais eternos agradecimentos.

Muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que me iluminou durante toda minha caminhada, com amor e proteção, sempre me mantendo firme e forte em meus desejos e objetivos, toda honra e glória a te senhor.

Aos meus pais, por me apoiarem, me ajudarem e sempre acreditarem em mim.
Em especial a minha namorada, pelo apoio, amor e paciência.

Aos amigos e parentes próximos, pela compreensão do meu isolamento durante alguns momentos de dedicação na fase final deste trabalho.

A meu orientador, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, por seu apoio, carinho, profissionalismo, paciência e amizade.

Aos colegas e às colegas de turma de Letras, em especial Aline Almeida, Karla Samara, Flavia Raquel, Joseany Viera, João Furtado (motorista) e Damiano Damásio, por compartilharmos saberes, angústias e pela oportunidade da convivência.

Ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), pelo conhecimento adquirido durante esta jornada, que só me enriqueceu ainda mais. Em especial a minha amiga de projeto Clara Gabriella e a minha coordenadora Profa. Dra. Rose Leite, pelo apoio e paciência.

Finalmente, agradeço a todos os demais aqui não citados nesta lista de agradecimentos, mas que de alguma forma contribuíram, na minha jornada acadêmica e na pessoa que eu sou. Obrigado!

**“Um leitor vive mil vidas antes de morrer.
O homem que nunca lê vive apenas uma.”**

Jojem Reed

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a linguística variacionista e suas contribuições para a desconstrução do preconceito sobre as variações linguísticas existente em nosso meio evidenciaram assim, como a importância na norma padrão devemos também valorizar as variantes sociais, pois elas são extremamente importantes e de significação para os estudos da língua e para o processo de formação da fala e, por extensão da escrita. Tem como aporte teórico os estudos de Bagno (2015), Mussalim(2007), Marcuschi (2010) Antunes (2010), através de uma abordagem qualitativa, faz ênfase aos estudo da Sociolinguística, para a desmistificação do preconceito linguístico cordelístico, cujo terá a sua modalidade escrita para comparar. Tendo como objetivo geral evidenciar a importância do texto cordelístico para o entendimento da variação linguística como fenômeno social. O estudo realizado se dá por meio de uma pesquisa bibliográfica e analítica. Tendo como principal problema, os motivos para tanto preconceito linguístico na sociedade. É importante destacar a Sociolinguística como base teórica indispensável a compreensão da variação linguística, distinguindo assim os diferentes tipos de variações linguística, avaliando, a luz de um texto cordelista de Patativa do Assaré como se reflete na variação linguísticas em diferentes lugares. Através de diferentes teorias, que mostram a relação entre fala e escrita, ou seja, suas consequências no processo comunicativo, que apesar de suas especificidades, o falante necessita das duas modalidades para se comunicar e eu o ato de desvalorização não passa muita das vezes de um desconhecimento do processo linguístico que a nossa fala sofre no decorrer do tempo. Este processo de comparação permitirá aos leitores identificar as semelhanças e as diferenças existentes no texto falado e escrito.

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito linguístico. Gênero Cordel.

ABSTRACT

This work presents a study on the variationist linguistics and its contribution to the deconstruction of the prejudice on the linguistic variations existing in our environment evidenced, as well as the importance of the standard norm we must also value the social variants, since they are extremely important and of signification for the studies of language and for the process of formation of speech and, by extension, of writing. It has as theoretical contribution the studies of Bagno (2015), Mussalim (2007), Marchuschi (2010), Antunes (2010), through a qualitative approach, emphasizing the studies of sociolinguistics, for the demystification of linguistic prejudice in relation to Brazilian Northeast's folk-popular poems, which will have its written modality to compare. It has as general objective to highlight the importance of Brazilian Northeast's folk-popular poems for the understanding of the linguist variation as a social phenomenon. It is important to point out the Sociolinguistics as indispensable theoretical basis for understanding linguistic variation, thus distinguishing the different types of linguistic variations, evaluating, in the light of a Patativa do Assaré's Brazilian Northeast's folk-popular poem how it is reflected on the linguistic variations in different places. Through different theories, which show the relationship between speech and writing, that is, its consequences in the communicative process, that despite its specificities, the speaker needs the two modalities to communicate and that the act of devaluation sometimes is nothing but a lack of knowledge of the linguistic process that our speech suffers in the course of time. This comparison process will allow readers to identify similarities and differences in spoken and written text.

Kew words: Linguistic variation. Linguistic prejudice. Genre: Brazilian Northeast's folk-popular poem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A SOCIOLINGUISTICA: UM ESTUDO DA LÍNGUA E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE	14
1.1 ORIENTAÇÕES PARA OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUISTICA	17
2 VARIAÇÃO LINGÜSTICA: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA.	21
3 OS USOS DIDÁTICO PEDAGÓGICO DA LITERATURA DE CORDEL	26
3.2 O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	27
3.3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À QUESTÃO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA. ...	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Os estudos que nortearam esta pesquisa visam apresentar alguns eixos que servirão como aporte teórico para a construção do texto. Para isso, destacamos a importância, conceitos e características da sociolinguística, dos preconceitos linguísticos e a valorização das variações linguísticas através do gênero literário cordel. Pretendendo mostrar como essas variações ocorrem na sociedade e o quanto elas são estigmatizadas.

O processo de variação linguística se dá através de um processo histórico social, em que as mudanças ocorrem historicamente através das necessidades da sociedade. Assim, Camacho (*apud* MUSSALIM, 2007, p. 49) diz que “a sociolinguística trata da relação entre língua e sociedade [...]”. Portanto não podemos estudar a língua dissociada da sociedade, pois, as mesmas estão ligadas, e as mudanças ocorridas na língua estão diretamente ligadas nas mudanças que a sociedade sofre durante seu processo histórico.

O autor ainda traz as várias vertentes de estudos da língua, ligadas ao rótulo de sociolinguística, a exemplo de Sociologia da linguagem que está diretamente ligada ao desenvolvimento do bilinguismo, a etnografia da comunicação que estuda e analisa os eventos ocorridos na fala diretamente ligada ao assunto de uma conversa e outras variantes, como o processo comunicativo, o espaço e o tempo. Sociolinguística Interacional fortemente ligada a análise da conversação, e por último a sociolinguística variacionista que desenvolve estudos sobre as variações ocorrida na língua e que é o estudo que pretendemos desenvolver aqui, com enfoque no exame da linguagem, no contexto social, e que é extremamente importante para tentar suprimir, tanto o preconceito que algumas pessoas/ da sociedade sofrem com relação à língua e que essas mudanças se dão em todos os campos de estudos da língua ,seja fonético, semântico, etc.

Entre as mudanças ocorridas na língua, vale salientar como elas podem ocorrer na estrutura frasal, entre essas variações podemos citar a fonética, quando uma mesma palavra é pronunciada de maneira diferente, por exemplo, os falantes de uma determinada região pronunciam /baca/ por vaca, trocando o fonema /v/ por /b/. Existem também as variantes morfológicas, ocorrem quando trocamos a forma de uma palavra, do gênero ou da flexão, por exemplo, no plural, das palavras aldeãs e verão, têm as formas aldeãos e verãos em oposição a aldeões e Verões. A marca do plural em -ãos está em oposição à marca em -ões. Já na variação sintática, podemos observar a mesma através da construção frásica ou regência de um verbo, a concordância, etc., por exemplo, a construção “estou a pensar” é substituída

por “estou pensando”. A variação semântica por sua vez se dá quando uma mesma palavra é utilizada com significados totalmente diferentes, como, por exemplo, a palavra *camisola* que em Portugal é utilizada para designar uma peça de vestuário que se usa em vez da camisa ou por cima ou por baixo da camisa, e aqui no Brasil se usa para designar uma camisa de dormir, peça de vestuário feminino. Existem também as variações lexicais, quando uma mesma realidade é designada por vocábulos diferentes, em determinadas regiões, por exemplo, *macaxeira* usada no norte e nordeste, no sul e sudeste é *mandioca* e no Rio de Janeiro.

Tendo como objetivo geral evidenciar a importância do texto cordelístico para o entendimento da variação linguística como fenômeno social. É importante destacar a Sociolinguística como base teórica indispensável a compreensão da variação linguística, distinguindo assim os diferentes tipos de variações linguísticas, avaliando, a luz de um texto cordelista de Patativa do Assaré como se reflete na variação linguísticas em diferentes lugares. Para tanto, nos ancoramos também a gramática histórica de Bagno, na qual ele faz um levantamento histórico sobre o processo de formação da fala e o quanto nossa língua é mutável.

Segundo Bagno (*apud* CALDEIRA, 2005, p. 13-15) afirma que as línguas mudam, é uma evidência: as dificuldades que encontramos na leitura de textos medievais revelam-nos como o Português Antigo era diferente do que ouvimos, falamos e escrevemos atualmente. Embora a mudança linguística seja frequentemente vista como uma espécie de decadência por muitos falantes que resistem à inovação, assumindo uma atitude de defesa da “pureza” da língua supostamente ameaçada, seja por qualquer acordo ortográfico, por um novo dicionário ou pela influência das telenovelas, a verdade é que se o Português não tivesse sofrido mudanças ainda falaríamos como Afonso Henriques.

O interesse pelo trabalho com variações linguísticas, surgiu a partir da observação de como as pessoas que falam diferente da norma padrão são estigmatizadas diante de uma sociedade que muitas vezes é desconhecedora da realidade do indivíduo e do processo de formação da fala, de como ela se transforma durante o percurso histórico que a sociedade passa. Após o contato com algumas disciplinas, como morfologia, latim, linguística aplicada e outras, nos fez refletir qual seria a melhor maneira de trabalhar essa temática, para que de fato, as pessoas obtivessem um conhecimento satisfatório do processo de formação da língua, para assim, se desarmarem de seus preconceitos diante de falas que contrapõem as “normas gramaticais”. Esta experiência nos permitiu compreender que o trabalho com as variantes linguísticas diante do gênero cordel seria a melhor estratégia para conscientização de que certa variante é tão importante quanto à norma padrão.

Tendo em vista as cobranças da sociedade, para com os usuários da língua, podemos dizer que nós professores, somos os mediadores desse conhecimento, com os mais variados gêneros, tendo como objetivo formar alunos com proficiência na sua língua materna, tanto na modalidade oral, como escrita. Para que possam interagir de forma plena na sociedade. Desse modo fica claro o papel da escola como mediadora da formação de sujeitos letrados, capazes de atuarem na sociedade de forma crítica e ativa como cidadãos.

Para a apresentação desses conceitos que são um pouco complexos, os subitens deste trabalho estão organizados com o objetivo de apresentar o conceito do que vem a ser variante linguística e também variante padrão e variante não padrão. Posteriormente, serão apresentados os princípios que nos mostram de que falar diferente não é falar errado e sim características de sua região; a partir desse ponto, iremos dissertar sobre algumas teorias que descrevem as relações entre o certo e o errado e também o diferente do que vem a ser variante linguística.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro trata-se um pouco do processo de desenvolvimento da sociolinguística e suas ramificações e como esta ciência se desenvolveu e o quão foi importante para o estudo da língua, através dos estudos iniciais de Ferdinand de Saussure passando por outros autores como Noam Chomsky, William Labov, Marcos Bagno.

No, segundo apresentamos o que vem a ser variação linguística, mostrando o quão a nossa língua está viva e vivendo em constantes mudanças, a cada dia surgindo novas palavras que vem a suprir as nossas necessidades linguísticas e com este surgimento vem introduzido certo tipo de preconceito linguístico, que tentaremos desmistificar esse tipo de preconceito mostrando que estas mudanças fazem parte do processo de formação de nossa língua.

O terceiro capítulo é destinado à análise de um cordel Patativa do Assaré, mostrando a variação linguística presente no gênero em questão, priorizando as diferenças culturais da região em que o mesmo foi produzido, demonstrando assim que nesse tipo de texto a variação linguística não sofre preconceito linguístico, pelo contrário, a mesma é valorizada e que dá um enriquecimento ao texto, e que esta mesma variação usada em outros gêneros textuais sofre um preconceito bem maior e torna o texto “pobre” linguisticamente.

Este trabalho está constituído também por esta introdução, na qual mostramos a temática, os objetivos, alguns tópicos metodológicos para o processo de construção do mesmo, trazemos os principais capítulos que constitui o trabalho. Estando ele composto por fim, as considerações finais, referendando a importância do texto cordelístico para compreensão da variação linguística em seus níveis diversos.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA: UM ESTUDO DA LÍNGUA E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. É o estudo descritivo do efeito de alguns aspectos da sociedade, incluindo as normas culturais, expectativas e contexto, na maneira como a linguagem é usada e os efeitos do uso da linguagem nesta sociedade.

Muitos sociolinguísticos também nos oferecem um panorama de diversas abordagens no estudo do fenômeno linguístico. O alemão Augusto Scheleicher, foi um dos teóricos que se tornou influente com seus estudos sobre a sociolinguística, junto com Saussure que também foi de suma importância para o estudo do desenvolvimento desta ciência da língua. O linguista coloca a linguística como uma ciência natural, dissociando-a da tradição filosófica, assim é vista como um ramo da ciência humana podendo ser associada. Scheleicher pode muito bem ser comparada a Darwin, no que se refere a uma concepção de evolução natural. Pode-se dizer ainda para ele, que cada língua é o produto da ação de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador, no caso a língua. Atentando para as ideias defendidas por Saussure em seu Curso de Linguística Geral, podemos concluir que ele defende a língua como um fator social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social, neste sentido, aponta a língua como a faculdade natural que permite aos seres humanos constituírem sua própria língua.

Reportamo-nos ainda ao século XX, tratando da linguística soviética, a qual se aplica posições marxistas acerca da língua, mostrando que as linguagens do mundo têm a mesma origem e são tidas também como instrumento de poder e refletem as lutas de classes sociais.

Em suma, foi no início deste século que tivemos de fato o início dos estudos da linguística, a partir disso, surgiram às áreas que englobam os estudos da linguagem, numa perspectiva estruturalista e que se transformou em outras vertentes como a Sociolinguística, que alcança seu apogeu na década de 60 com Bakhtin. Ele começa a ganhar força com seu estudo crítico com relação à posição saussuriana, pois ele considerava que a verdadeira substância da língua não era constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações e que a língua deveria ser vista como um fato social dinâmico cuja mudança é baseada nas modificações sociais, nas quais, estão inseridas forças externas e internas, por fim, é a partir daí que surgem os estudos da sociolinguística Laboviana que se baseia nos estudos de Meilete que defende

que a língua varia de acordo com as necessidades da sociedade a partir do século XX. Labov desenvolveu um célebre estudo sobre as variações que a língua sofre, tomou como base o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachussets. Em sua pesquisa, relacionou alguns fatores que interferem direto ou indiretamente na fala de um indivíduo ou de uma determinada sociedade, esses fatores são a idade, o sexo, a ocupação, a origem étnica. Nesse sentido ele observou que o comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês, esses fatores abordados por Labov estão presente em qualquer língua e por isso estão diretamente ligadas as mudanças.

Foi com esse pensamento que o linguista norte americano Wiliam Labov iniciou na década de 90 e posteriormente na década de 60 um estudo sobre variações, buscando mostrar com isso, a heterogeneidade da língua falada. Através de seus estudos, mostrou que a língua não é usada de maneira semelhante para todos. Sendo assim é considerado o pensador dos estudos da língua. A partir daí, surgiu uma nova área de estudos denominada sociolinguística, objetivando unificar as relações que há entre a língua e a sociedade, uma vez que a mesma é marcada por fatores que estejam presentes dentro da ordem social, nas quais estão contidas as mais variedades linguagens.

Tendo em vista que a sociolinguística é uma variedade de linguagem dentro de qualquer sociedade, não é importante estudá-la de forma separada. Por isso para Alkmim (2001, p. 34), a variação social, relaciona-se com fatores de classe social, idade, sexo, situação ou contexto social, relacionado com a identidade dos falantes e com a organização da comunidade da fala. Ou seja, a língua pode variar quando é falada por um homem ou por uma mulher, por um jovem ou por um idoso, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou classe baixa.

Ainda segundo a autora (2001, p. 39) faz observações sobre a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas no contexto das relações sociais que:

Em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais.

No início do século XX inaugura com o seu curso de linguística geral um estudo detalhado, onde estabelece seus princípios gerais e também o seu método de abordagem. Ele é tido como um marco da corrente linguística chamada estruturalismo. Neste sentido a língua é

tomada em si mesma, levando em conta seus fatores externos, tida como uma estrutura autônoma, tendo como elemento principal as relações de natureza essencialmente linguística que se estabelece entre seus elementos, em outras palavras, para Saussure a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.

Para Orlandi (1992, p. 52) explica a variação linguística, também através de fatores sociais, mostrando um exemplo que tem uma marca de plural, exemplo: os carros pretos/ os carros preto/ os carro preto. A presença ou ausência de “S” é chamada de variante. Outro exemplo: “nós vamos” e “nóis vai”, a sociolinguística relaciona as variantes linguísticas com as variantes sociolinguísticas (profissão, educação, salário), idade, raça e sexo.

Na visão de Bagno (2015, p. 13) ressalta que o preconceito linguístico é constantemente alimentado pela população brasileira, através de programas de mídia, como televisão e rádio, exposto também nos jornais e revistas, em livros e manuais, gramáticas normativas e livros didáticos, reforçando a ideia de ensinar o “certo” e criticando o “errado”

Com esse pensamento, a sociolinguística estuda a língua em várias situações, trazendo para o campo da linguística a heterogênea comum a todas as línguas, ou seja, a língua é múltipla e cheia de variação que faz parte de suas mudanças no âmbito social e isso é tida como algo comum e natural da língua, mostrando que estas variações ocorrem de maneira natural conforme a necessidade social, tornando-as heterogêneas e não homogêneas, como às vezes é vista por algumas pessoas da sociedade que se dizem “letradas”.

Não podemos esquecer que a linguística assume várias formas de uso, dependendo de alguns elementos relevantes como idade, o nível de escolaridade e o que não podemos esquecer ainda, é que o status socioeconômico também influencia muito nessas variações que a língua possui. Estas por sua vez, não estão condicionadas a fatores geográficos, mas não podemos esquecer que a linguagem assume várias formas, porém muitas das vezes não muda o sentido da mensagem. Em outras palavras precisamos entender a linguagem como heterogênea e assim aprendemos reconhecer e valorizar as variações e as formas de linguagens existentes, assim estamos valorizando na língua, numa perspectiva mais abrangente e não com uma visão fechada de que só tem uma forma de escrever e principalmente falada, pois é nesta modalidade que o preconceito é mais disseminado.

Neste sentido não há uma norma linguística melhor que outra, pode até existir a superioridade de uma variação da língua sobre a outra, mas de forma inteiramente social que na maioria das vezes são apenas modalidades prestigiadas pela classe dominante. Para melhor entendermos esses estudos variacionistas, devemos salientar os estudos da corrente gerativista, eu era um modelo de estudo, eu buscava entender a natureza e o funcionamento da

linguagem a partir desses estudos a língua deixou de ser vista e estudada como um comportamento social condicionado, passando a ser pesquisada como uma faculdade mental de cada ser humano. Nem todos devem pensar da mesma forma e sim de forma diferente, que penso e produzo uma fala, vejo, imagino e produzo e reproduzo aquilo está ligado direto ou indiretamente ao meu convívio não condicionado, realizando todas essas faculdades que é inerente a mim de forma diferente de cada ser e não de forma condicionada.

1.1 ORIENTAÇÕES PARA OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Para compreendermos melhor os estudos sobre a sociolinguística, precisamos nos situar e contextualizar os estudos sobre linguagem no século XX. Neste sentido, além de Saussuriana, há outra corrente linguística fundada pelo linguista americano Noam Chomsky.

Gerativismo foi uma teoria criada por Noam Chomsky, afirmando que a língua é uma capacidade mental que todos os seres humanos e apenas os seres humanos tem, de forma passiva de ser decomposta, diferentemente da linguagem das abelhas, por exemplo, ou seja, essa capacidade está em nossa mente e é a partir das nossas experiências que já nascemos com ela, é uma aptidão na qual nossa mente é quem responde pelo ato.

Nesse sentido Chomsky (2002, p. 133) descreve “[...] os falantes usam sua competência para ir muito além das limitações de qualquer corpus, sendo capazes de criar e reconhecer enunciados inéditos, e de identificar erros de desempenho [...]”.

Dessa forma chamou-a de competências linguísticas, a capacidade que cada indivíduo tem de formar sentenças comunicativas a partir de um conjunto de regras, são estas que vão possibilitar a comunicação entre os indivíduos. Assim, a compreensão acontece independente da gramática ou norma-padrão.

O que se deve levar em conta é que se houve má comunicação entre os membros que compõem a sociedade. Para que isso não aconteça, devemos utilizar a língua como instrumento e envolver situações em que haja uma concretização da língua. Faz-se necessário, produzir frases nas quais sejam vistas como pertencentes à língua e somente a língua de forma que seja compreendida o que se queria passar com a frase. Neste sentido a competência comunicativa. Sobre este conceito criado por Chomsky (*apud* BORTONI- RICARDO, 2004, p. 7) diz que:

Hylmes então propôs um novo conceito o de competência comunicativa, que é bastante amplo para incluir não só as regras que presidem à formação das

sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala.

Outro fator muito relevante é que a linguagem e a sociedade estão ligadas entre si. Há uma intrínseca relação entre ambas, isso porque os indivíduos vivem de forma organizada na qual a maneira de comunicação é a língua, daí a importância de se estudar a sociolinguística. Outra coisa que também deve se levar em conta, é que a linguagem muda muito no decorrer da história. Para comprovar essa tese, há alguns manuais de história da linguística em que são oferecidas diversas abordagens no estudo do fenômeno linguístico. Nesse sentido Câmara Júnior (1990, p. 36) escreve sobre Schleicher:

Scheicher não era apenas um linguista mas também um estudioso das ciências naturais dedicando-se à botânica. Este fato dera-lhe uma orientação a favor das ciências da natureza. Ademais, de acordo com a filosofia de Hegel, que dominou o pensamento alemão dessa época, as ciências humanas, incluindo a história, são o produto do livre pensamento do homem e não podemos ser colocados sob a influência de leis imutáveis e gerais tais como o fenômeno da natureza. Ora, Scheicher, como todos os linguistas anteriores a ele, tinha ambição de elevar o estudo da linguagem ao status de uma ciência rigorosa, com rigorosas leis de desenvolvimento.

Segundo o autor, cada linguagem é o produto da ação de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Salienta com isso que há diversidades de língua, ou seja, a linguagem é falada depende também de fatores psíquicos. Há uma associação entre a língua e a raça, havendo, portanto, uma ligação entre o individual e o social.

No que diz respeito à tradição de relacionar linguagem e sociedade, vários autores abordam sobre esse assunto. Podemos citar Meillet (1977, p.16) que assim descreve sobre a linguagem:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhe atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real, Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social.

Para o autor a linguagem é tida como um fator social, ou seja, a linguagem depende da realidade ou do contexto social em que o indivíduo está inserido. Bakhtin (1990, p. 123) através do que ele chamou de crítica social a postura saussuriana descreve sobre a comunicação social:

A verdadeira substancia da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isoladas, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade da língua.

Desse modo não se pode levar em conta apenas o contexto social em que o indivíduo está inserido. Ele coloca como algo fundamental, a interação verbal o que ele considera realidade fundamental da língua.

Aqui no Brasil também é a mesma coisa, a língua portuguesa é originária de Portugal, mas por causa dessas variações não é o mesmo falado em Portugal. Se formos analisar, países que falam português como Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros, são visíveis as diferenças, seja no campo fonético, semântico, morfológico, ou seja, todas as línguas sofrem algum tipo de modificação de acordo com as necessidades sociais. Isso acontece por que existe uma variação. Aqui mesmo no Brasil, existem cidades que passam por essa mesma variação. Isso fica claro quando observamos pessoas de um mesmo estado falando a mesma língua. O que se leva em conta é o grau de escolaridade, assim podemos dizer que língua e variação consideram a diversidade linguística como um ponto positivo, uma vez que, língua e fala são inseparáveis. O fenômeno linguístico é apenas um apanhado para compreendermos a linguagem.

Nesse sentido quando dizemos que há uma variação linguística, ou seja, se formos comparar todas as línguas existentes, percebemos claramente que é quase sempre continuação histórica, ou seja, é uma cultura que passa de geração para geração, que com o passar do tempo vai sofrendo algumas modificações, mas continuam presentes alguns traços e esses variam de região para região.

A língua portuguesa é um exemplo de variação dentro da sociolinguística. Aqui no Brasil é notório. Isso constitui o que chamamos de comunidade de fala de língua portuguesa. Essa diversidade acontece por causa de alguns fatores internos como: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social.

Como já foi colocado em qualquer comunidade de fala há um conjunto de variedades linguísticas. Essas, porém estão relacionadas ao contexto das relações sociais que são estruturadas de acordo com a política social de cada comunidade. Nesse sentido podemos dizer que dentro de uma comunidade existem aqueles que são considerados superiores e outros inferiores. Sendo que existe acontece em todas as comunidades.

O autor com isso reafirma a questão da autoridade. Em outras palavras como afirma Alkim:

O melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão historicamente coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitat de núcleos urbanos que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante. (ALKIM, 2007, p 40).

Com isso podemos dizer que a chamada variação padrão é uma situação social onde a língua. Se formos falar dessa variedade dizemos que esta condição padrão não define se uma língua é superior a outra por que na verdade a cada período histórico, ou seja, em cada contexto vai surgindo o que pode ser considerada como forma padrão. Pode-se dizer também que para cada momento histórico há uma avaliação social das variedades e um fato observável em qualquer comunidade da fala.

Ainda segundo a sociolinguística há na variação linguística certa intolerância linguística presente principalmente nos comportamentos sociais, nesse sentido em relação ao uso padrão da língua, cabe aos usuários das variedades não-padrão adotar a variedade socialmente aceitável. Em outras palavras não há uma mesma linguagem para todos, há sim um padrão cultural e sem dúvida alguma há ainda um longo caminho a ser percorrido seja linguagem padrão ou não.

2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA.

A língua é viva e por isso sofre transformações ao longo do tempo. Segundo estudos variacionistas, há diferentes agentes de mudanças, apontando como principal, o fator cognitivo que trata da linguagem que é processada no cérebro juntando-se a essas que vão se modificando em virtude de vários fatores como organização política e principalmente econômica. No Brasil há uma série de palavras e construções usadas, que muitas vezes são consideradas erradas. Assim podemos dizer, que são nos grupos sociais que ocorrem as mudanças. Em outras palavras, podemos dizer que cada grupo social modifica sua fala e também sua forma de escrever, levando em conta as transformações sociais. A isso estão vinculados os fenômenos de ordem social e cultural, nos quais a linguagem está intrinsecamente ligada e essas mudanças podem trazer alguns preconceitos no modo de falar do indivíduo ou de determinada classe social de uma comunidade.

O preconceito muitas vezes se dá por não termos conhecimento desse processo de construção e do surgimento da língua durante a evolução histórica e das mudanças na sociedade com inclusão de novas palavras e exclusão de outras, tudo isso devido a processos de transformações que a língua sofre. Verifica-se na história das línguas que as formas inicialmente desprestigiadas e condenadas, passam a ser valorizadas quando as camadas dominantes da população passam a se utilizar delas. Marcos Bagno fala dessa heterogeneidade da língua:

Não existe nenhuma língua no mundo que seja “uma”, uniforme e homogênea. O monolínguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variações em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social. (BAGNO, 2015, p. 27).

Levando em consideração a concepção do autor, podemos observar o quanto a língua pode variar seus aspectos, sociais, políticos e econômicos, essas mudanças se dão em um processo histórico que também interfere nessa mudança de forma significativa. Nessa perspectiva das mudanças sociais, temos as geográficas e em relação à linguagem estão inseridos os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, ou semânticos. No entanto é notória essa mudança quando se leva em consideração tanto a fala quanto a escrita em que ambas são diferenciadas, uma vez que a primeira é mais espontânea enquanto, a segunda é mais exigente uso das regras gramaticais tidas como padrão.

Assim temos diferentes tipos de variações a exemplo da variação diafásica que são as variações que se dão em função do contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal. A diastrática são variações que ocorrem em razão da convivência entre grupos sociais, temos como exemplo desta modalidade as gírias, os jargões e o linguajar caipira, portanto é uma variação pertencente a um grupo específico de certos grupos de pessoas. Já a histórica ressalta a questão de que a língua é dinâmica e sofre transformações ao longo do tempo, exemplo deste tipo de variação é a questão da ortografia: a palavra “farmácia” já foi escrita com “ph” (pharmácia). A palavra “você”, que tem origem etimológica na expressão de tratamento de deferência “vossa mercê” e que se transformou sucessivamente em “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê”, até chegar na que utilizamos hoje que é, muitas vezes (principalmente na Internet), abreviado para “vc”.

Portanto é notório que a variação linguística está presente em nosso dia a dia, no nosso modo de falar, quando nos comunicamos com as demais pessoas, esta variação de língua é o modo pelo qual nos diferenciamos de cada um, através desta podemos perceber só no jeito de falar de cada indivíduo de cada região a que pertence, se ele é da região norte, nordeste, sudeste, centro oeste, sul ou então de como a zona rural. Podemos identificar esta variação levando em conta alguns contextos que são eles, históricos, geográficos e socioculturais, no qual os falantes dessa língua se expressam verbalmente conforme os aspectos diferenciados.

Variante linguística se define pela forma em que uma determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas, usa as formas linguísticas de uma língua natural que é aquela que usamos como meio de comunicação todos os dias entre todos os níveis sociais. Para Saussure a língua é um ‘fato social no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. Mais precisamente ele aponta a linguagem como a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua. Em consequência a língua se caracteriza por ser “um produto social da faculdade da linguagem” Linguagem padrão ou norma padrão: variedade linguística padronizada com base em preceitos estabelecidos de seleção do que deve ou não ser usado, levando em conta fatores linguísticos e não linguísticos como tradição e valores socioculturais (prestígio, elegância, estética etc.). Corresponde à variedade usualmente adotada pelos falantes instruídos ou empregada na comunicação pública.

Variação histórica é a transformação que a língua apresenta, ou seja, a mesma sofre transformações ao longo do tempo, podemos perceber essa mudança quando levamos em

conta a gramática onde podemos ver a mudança que ocorreu com algumas palavras como, por exemplo, a palavra farmácia que antes era escrita com ph (pharmácia). Já as variantes regionais que são os chamados dialetos, são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões, como exemplo, a palavra mandioca que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim. Variação sociocultural está diretamente ligada aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa, exemplo as gírias, os jargões e o linguajar caipira.

A partir dessas definições, podemos ver o quanto tem de mudanças em nossa língua. Com isso é comum nos perguntarmos qual a maneira mais correta de exercer nossa habilidade de falar? mais não há uma maneira que seja mais correta ou menos correta de falar e sim uma maneira mais adequada de usar a língua em determinadas situações. Segundo Saussure: A Fala é a parte individual da Linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure (1995, p. 22) a fala é “[...] ato individual de vontade e inteligência [...]”

Conforme o que acima foi colocado, a fala é uma parte individual na qual cada pessoa vai falar conforme sua região em que está inserida. Portanto não se pode considerar errado como você fala, pois só está usando sua linguagem conforme a tribo, fatores esses que podem ser geográficos ou sociais. Isto pode ser de certa forma explicada por o lugar onde se habita não ter um número de pessoa com um grau de estudo elevado fazendo com que as pessoas sejam mais formais, quando isso acontece a tendência é você se adaptar de acordo com os demais indivíduos que ali vivem, no contrário se não convive em um lugar cujo grau de formação é baixo os indivíduos desse lugar também será uma pessoa menos formal, isto não implica dizer que você esteja falando de maneira errada e sim falando de maneira diferente das demais pessoas que tem uma formação mais elevada do que a sua.

Assim, nos estudos variacionistas já realizados podemos perceber que os falantes de vários grupos sociais são perfeitamente competentes no uso que fazem de sua língua, se eles conseguem entender e forem entendidos pela sociedade na qual estão usando a língua de maneira correta, pois todos ao seu redor conseguem lhe compreender do jeito que você fala, portanto esses indivíduos só estão falando de maneira diferente e não errada, mas em algumas regiões as pessoas tendem a ser marginalizado pelo seu modo de falar principalmente se essas pessoas convivem em uma região mais carente como as periferias e as zonas rurais do local em que ele vive.

Segundo Marcos Bagno (2015, p. 117) a língua é como um rio que se renova. O preconceito linguístico vem sendo alimentado diariamente pelos meios de comunicação, que

pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, é claro nos instrumentos tradicionais de ensino da língua, ou seja, a gramática normativa e os livros didáticos.

As pessoas sem instrução não falam tudo errado, isto se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política. As pessoas que dizem Cráudia, Praca, Pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sobre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social na qual a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dar o seu primeiro sorriso ao bebê por exemplo. Conquanto a escrita seria um modo de produção textual discursiva bem trabalhado no entanto também serve para fins comunicativos só que com certas especificidades materiais e se caracteriza por uma constituição gráfica com tempo de produção maior e não tão espontânea quanto a fala.

Portanto às vezes falamos e queremos escrever do jeito que utilizamos a fala o que acontece é que em toda língua existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A ortografia oficial é necessária, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada "artificial" e reprovando como "erradas" as pronúncias que são resultadas naturais das forças internas, pois se todos escrevessem como se fala a gramática seria bastante confusa, pois não teria um padrão a seguir por isso existe uma norma culta para se escrever para que haja um padrão entre todos para que não vire uma bagunça a escrita. Portanto você pode falar conforme sua comunidade linguística que não é errado mais para escrever tem que ter um padrão entre todos que é chamado norma culta que é utilizado tanto para escrever quanto para falar em determinados lugares.

Marcos Bagno demonstra em seus estudos que tem um alto grau de variedades e diversidade linguística no Brasil, onde é passado que as causas para essa variação é a injustiça social, geradora de um abismo linguístico entre a norma padrão e não-padrão (presente na maioria dos brasileiros). Assim, este modo que as pessoas pensam sobre variação linguística e tida como falar errado, pois para muitos usar a língua fora do padrão linguístico é errado, portanto haveria assim, como os sem-terra, os sem-língua, a grande maioria dos brasileiros que não tem acesso à “[...] norma culta da língua, aquela norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder [...]”

(BAGNO, 2015, p. 63). Por não ter todo esse acesso conforme foi mostrada, a língua, que é pronunciada conforme a variação de sua comunidade e considerada errada e acaba sendo ridicularizada.

Podemos perceber que existem várias situações em que devemos nos adequar ao uso da fala, ou seja, onde devemos diferenciar o tipo de linguagem que se deve utilizar em cada uma delas, por exemplo, em uma situação como a defesa de uma tese, entrevista de emprego e outras situações se devem usar a linguagem formal, já em uma conversa no barzinho com os amigos se usa a informal, pois devemos diferenciar onde usar a norma culta e a forma não-culta, mais vale salientar que só há essa diferença para as pessoas que já tem um conhecimento da que é ou não norma culta. Isto só nos mostra o quanto o nosso pensamento está equivocado a respeito do modo de falar de algumas pessoas, pensado que as mesmas estão usando a língua/fala de um modo “errado”, onde na verdade só estão usando inadequadamente a sua fala, inadequação está que muitas das vezes pertence ao lugar ou região em que reside, neste caso devemos nos deter ao cuidado de adequar o nosso discurso de acordo com o ambiente em que estamos ou seja, devemos analisar se é necessário o uso mais formal ou se devemos usar o informal, assim, nos apropriaremos e demonstraremos conhecimento no que tange ao uso adequado da nossa fala. É interessante ver um pouco de algumas das diferenças entre o falar nordestino e do sudeste. O nordestino tem uma variação linguística mais afluída em relação ao sul a diferença é observada tanto na pronúncia da fala quanto na significação de algumas palavras como, por exemplo, é comum usar a palavra cheiro para representar um carinho feito por alguém, em algumas regiões aipim, macaxeira no nordeste se chama mandioca.

Em toda comunidade linguística são frequente as formas variantes de uma língua. Podemos observar essas variações em textuais diversos nos quais estão representadas na escrita muitas palavras que são tipicamente da fala, ou seja, construções como “sinhô douto” que representada na fala pode ser observado também na escrita, para essas formas linguísticas variação dá-se o nome de variantes, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade quer seja pela oralidade ou pela a escrita.

3 OS USOS DIDÁTICO PEDAGÓGICO DA LITERATURA DE CORDEL

O gênero cordel remota dos tempos antigos, desde o início das civilizações que este gênero existe criado e divulgado pelas classes mais populares muitas das vezes por pessoas com pouco grau de formação acadêmica e rica em conhecimentos populares.

Sobre a origem do gênero Cordel dois ilustres folcloristas brasileiros renomados nos trazem alguns detalhes de sua origem, os autores Luis Câmara Cascudo e Manoel Diégues Júnior em algumas de suas obras trazem alguns aspectos no tocante a origem. Aqui nós iremos traçar uma breve linha do tempo sobre essa origem do cordel

O Cordel teve origem em alguns países como a Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Brasil etc. Cada país aqui citado tem características diferentes quanto a sua origem na Espanha esse tipo de literatura popular era conhecido como “Pliegos Suetos”, porém, suas características assemelham-se com as brasileiras tendo como aspecto básico histórias rápidas características típicas dos cordéis.

Na França por sua vez podemos observar uma designação diferente da usada na Espanha, os francês chamavam esse tipo de produção de “**littérature de colportage**”. Lopes (1994, p 10, grifo do autor) diz que: “na França o mesmo fenômeno corresponde à ‘**littérature colportage**’ - literatura volante, mais dirigida ao meio rural, através dos ‘**occasionnels**’, enquanto que nas cidades prevalecia o ‘**canard**’[...]” Assim é possível observar que as características do Cordel francês também se assemelham aos nossos, seja na característica de origem, seja para quem os mesmo eram dirigidos.

O mesmo autor também traz o surgimento do Cordel no Brasil, a literatura de cordel chegou até nós através dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou mesmo em manuscritos. Só muito mais tarde, como o aparecimento das pequenas tipografias – fins do século passado – a literatura de cordel surgiu e as fixo no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional. (LOPES, 1994, p. 11).

O Cordel como diz o autor supracitado veio até nós através dos portugueses, porém sua divulgação se deu mais no nordeste, principalmente, no interior nordestino sempre com divulgação de sua cultura, histórias, ideologias e informações.

Entre quase todos os estudos realizados até hoje é notório o que pensam quase todos os linguistas, compartilham os mesmos ideais que é a valorização linguística de cada ser, comunidade independente se é mais valorizada ou não. O Cordel por sua vez vem quebrando paradigmas sociais com relação aos preconceitos linguísticos tanto na fala como na escrita, lá

podemos encontrar palavras que não são aceitas pela gramática normativa e quando usadas em um gênero literário no caso o cordel, elas são bem aceitas sem tanto desvalorização.

Podemos observar no gênero cordel que os mesmos encontram-se repletos de palavras/frases que são típicas de uma determinada sociedade e que através das mesmas é possível a identificação do sujeito que as escreveu. Dentre essas características é possível dizer a que classe social o mesmo pertence, a que região geográfica, o grau de escolaridade dentre outros aspectos que é possível lhe atribuir. Isso só nos mostra o quanto é preciosa à variação linguística individual de cada ser ou de cada sociedade. Bagno (2015, p. 71) diz: “às vezes um determinado grupo sofre preconceito linguístico com determinadas palavras que no futuro muito próximo essas mesmas palavras tornam-se uma variante de prestígio no meio social [...]”.

3.1 O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

Usamos como ilustração para o contato da variação linguística um poema em forma de cordel de Patativa do Assaré (1909-2002), poeta popular, compositor, cantor e repentista cearense. Foi um dos maiores poetas populares do Brasil. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se com a música "Triste Partida" em 1964, uma toada de retirantes, gravada por Luiz Gonzaga, o rei do baião.

Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva) (1909-2002) nasceu no município de Assaré, interior do Ceará, a 623 km da capital Fortaleza. Filho de agricultores. Com pouco acesso à educação, frequentou durante quatro meses sua primeira e única escola onde aprendeu a ler e escrever e se tornou apaixonado pela poesia. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava em suas poesias o árido universo da caatinga nordestina e de seu povo sofrido e valente do sertão. Teve inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas e jornais. Traremos para análise uma de suas obras cujo título é **A terra é naturá** para mostrarmos algumas palavras típicas da fala usada na escrita e que tonar no texto bem mais rico.

A terra é naturá

Autor: Patativa do Assaré

Sinhô doutô, meu ofício
 É servir ao meu patrão.
 Eu não sei fazê comício,
 Nem discurso, nem sermão;
 Nem sei as letra onde mora,
 Mas porém, eu quero agora
 Dizê, com sua licença,
 Uma coisa bem singela,
 Que a gente pra dizer ela
 Não precisa de sabença.

Se um pai de famia honrado,
 Morre, deixando a famia,
 Os seus fiinho adorado
 Por dono da moradia,
 E aqueles irmão mais véio,
 Sem pensá nos Evangéio,
 Contra os novo a toda hora
 Lança da inveja o veneno
 Inté botá os mais pequeno
 Daquela casa pra fora.

Disso tudo o resultado
 Seu doutô sabe a verdade,
 Pois, logo os prejudicado
 Recorre às autoridade;
 E no chafurdo infeliz
 Depressa vai o juiz?

Fazê a paz dos irmão
 E se ele for justiceiro
 Parte a casa dos herdeiro
 Pra cada qual seu quinhão.

Seu doutô, que estudou muito
 E tem boa educação,
 Não ignore este assunto
 Da minha comparação,
 Pois este pai de famia
 É o Deus da Soberania,
 Pai do sinhô e pai meu,
 Que tudo cria e sustenta,
 E esta casa representa
 A terra que Ele nos deu.

O pai de famia honrado,

A quem tô me referindo,
É Deus nosso Pai Amado
Que lá do Céu tá me ouvindo,
O Deus justo que não erra
E que pra nós fez a terra,
Este planeta comum;
Pois a terra com certeza
É obra da natureza
Que pertence a cada um.

Esta terra é como o Sol
Que nasce todos os dia
Brilhando o grande, o menor
E tudo que a terra cria.
O sol clareia os monte,
Também as água das fonte,
Com a sua luz amiga,
Protege, no mesmo instante,
Do grandaião elefante
A pequenina formiga.

Esta terra é como a chuva,
Que vai da praia a campina,
Molha a casada, a viúva,
A véia, a moça, a menina.
Quando sangra o nevoeiro,
Pra conquistá o aguaceiro
Ninguém vai fazê fuxico,
Pois a chuva tudo cobre,
Molha a tapera do pobre
E a grande casa do rico.

Esta terra é como a lua,
Este foco prateado
Que é do campo até a rua,
A lâmpada dos namorado;
Mas, mesmo ao véio corcundo,
Já com ar de moribundo
Sem amô, sem vaidade,
Esta lua cor de prata
Não lhe deixa de ser grata;
Lhe manda claridade.

Esta terra é como o vento,
O vento que, por capricho
Assopra, às vez, um momento,
Brando, fazendo cochicho.
Outras vez, vira o capêta,
Vai fazendo piruêta,
Roncando com desatino,

Levando tudo de móio
 Jogando arguêiro nos óio
 Do grande e do pequenino.

Se o orguiôso pudesse
 Com seu rancô desmedido,
 Talvez até já tivesse
 Este vento repartido,
 Ficando com a viração
 Dando ao pobre o furacão;
 Pois sei que ele tem vontade
 E acha mesmo que precisa
 Gozá de frescor da brisa,
 Dando ao pobre a tempestade.

Pois o vento, o sol, a lua,
 A chuva e a terra também,
 Tudo é coisa minha e sua,
 Seu doutô conhece bem.
 Pra se sabê disso tudo
 Ninguém precisa de estudo;
 Eu, sem escrevê nem ler,
 Conheço desta verdade,
 Seu dotô, tenha bondade
 De ouvir o que vou dizê.

Não invejo o seu tesouro,
 Sua mala de dinheiro
 A sua prata, o seu ouro
 O seu boi, o seu carneiro
 Seu repouso, seu recreio,
 Seu bom carro de passeio,
 Sua casa de morar
 E a sua loja sortida,
 O que quero nesta vida
 É terra pra trabaiá.

Escute o que tô dizendo,
 Seu doutô, seu coroné:
 De fome tão padecendo
 Meus fio e minha muié.
 Sem briga, questão nem guerra,
 Meça desta grande terra
 Um tarefa pra eu!
 Tenha pena do agregado
 Não me deixe deserdado
 Daquilo que Deus me deu.
 (Patativa do Assaré, *on line*).

Podemos observar no cordel *A Terra é Naturá de Patativa do Assaré* que o mesmo traz em sua primeira estrofe uma consciência da diversidade linguística pelos os vários níveis de variação. Na segunda seguindo até a quarta estrofe observamos uma consciência do poder da fala e de variações diafásica que vem em evidência, na quinta estrofe enfatiza a importância da educação forma, porém destaca a necessidade de tratamento igualitário independente do grau de instrução. Continuando a análise agora da sexta a décima estrofe observamos uma variação de característica diatópica onde caracteriza o sujeito da enunciação, o lugar social a que pertence.

A caracterização do homem camponês e sertanejo pelos usos linguísticos, Na estrofe 11 a 12, há uma reafirmação de que a interlocução pode ser efetivada entre sujeitos de diferentes níveis e contexto sociais. Na estrofe 14, a reafirmação é de que a língua é, sobretudo, instrumento de luta pelo reconhecimento da cidadania, independente do tempo, da região, do grau de instrução, do grupo social que a pertencem.

Quando se trata da fala, ato espontâneo de cada indivíduo, o poema é rico em palavras, frases que demonstram esta espontaneidade natural da fala dos indivíduos, o poema é rico em vários aspectos, entre eles a linguagem simples do cotidiano.

A Sociolinguística trata da relação entre língua e sociedades segundo Camacho (2007, p. 49). Neste sentido para compreendermos a linguagem precisamos entender o contexto em que esta sociedade está inserida, ou seja, levando-se em conta ainda que para tanto, é essencial o fator cognitivo que acompanha o ser humano por toda a vida em suas dimensões biológicas, psicológicas e sociais.

3.3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À QUESTÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

Na sétima estrofe, há a presença de palavras com valor semântico diferente para determinadas regiões “tapera”, tem valor semântico no nordeste referenciando um tipo de lugar/casa que tem como sinônimo “lugar feio”, já no estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, tapera é uma expressão utilizada quando se diz que não há "felicidade ou alegria numa casa" ou quando existe a "ausência de bem-estar no ambiente" o que caracteriza assim uma variação regional, frequente no interior do Nordeste brasileiro.

A variação linguística presente no folheto de cordel *A terra é naturá*, de Patativa do Assaré, podemos observar através da literatura de cordel expressões informais da nossa língua, ou seja, uma variante linguística de uma determinada região, mostrando assim uma

reflexão sobre a linguagem variacionista. No cordel de Patativa de Assaré, *A terra é naturá*, é forte a presença da variação diatópica (variação regional). Logo de início no folheto, pode-se observar uma variante regional de nível fonética-fonológica: *sinhô dotô* (*Sinhô dotô, meu ofiço/é servi ao meu patrão*). A linguagem usada no folheto representa um tipo de variação linguística que aqui é valorizada, porém se levarmos em consideração a fala a mesma é desprestigiada, assim como em outros tipos de gêneros textuais a exemplo de uma redação produzida para um determinado concurso.

O cordel é rico em marcas de oralidade, pois ele é escrito conforme a variante regional do autor. Uma marca de oralidade presente no cordel que estamos analisando é a falta da utilização do “r” nos verbos do infinitivo, que tem seu uso mais frequente na fala (Ex.: *É servi ao meu patrão/ Eu não sei fazê comiço/ Dizê com sua licença/ Sem pensa no evangéio*).

O autor utiliza estas construções provavelmente pelo seu grau de escolaridade que é bastante nítido na produção do folheto e que o mesmo traz para sua escrita a forma como o mesmo utiliza a fala, uma vez que sua variante de uso é bem afluada, ocorre assim a acomodação fonética, permitindo concluir assim que o mesmo não tem a sua competência linguística bem desenvolvida quando relacionada a norma padrão.

Nas estrofes seguintes, observa-se a presença de vocábulos, característicos do “falar nordestino”, mostrando assim que região e “direcionado” o folheto. Outras variantes típicas do Nordeste são o vocábulo *famia*, *nevuêro*, *cacundo* que funciona como variantes típicas do nordeste principalmente quando os indivíduos possuem um baixo grau de escolaridade, ou certo desconhecimento da norma tida como padrão. A variação linguística presente no folheto do cordel *A terra é naturá*, de Patativa do Assaré é rico em vocábulos que demonstra os usos informais da língua e que não tida como errada e sim como um desvio da língua culta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, a Linguística trouxe noções essenciais para nossa compreensão de que todo falante tem a capacidade de produzir frases criativas, apenas com a ajuda da gramática interna, ou seja, todo usuário domina sua língua, diferente da ideia do ensino que recebe estabelecendo assim usuários de uma nova forma de usar a língua. Ainda assim, percebe-se que a cultura dominante prevalece até mesmo no modo de falar de cada um. Assim, a quebra dos paradigmas de que só tem uma forma de falar não deve continuar prevalecendo e sempre a da norma padrão, perpetuando um dos mitos de que é preciso saber gramática para falar e escrever bem.

Existem vários tipos de linguagem, as quais estão presentes em todas as sociedades nas quais, a língua é o fator primordial para a compreensão. É necessário que haja uma compreensão, ou seja, existem várias sociedades, mas todas podem muito bem usar uma dialética diferente em que a variação linguística está ligada diretamente na língua. Neste sentido estão englobados vários fatores principalmente sociais e culturais, até porque a linguagem é um fator cultural. Existem variedades de língua e é nesse sentido que surgem os preconceitos por que uma palavra que é escrita numa determinada sociedade, pode ser considerada errada, mesmo não podendo existir esse preconceito, torna-se inevitável.

Não há, portanto na sociolinguística homogeneidade, isso acontece muito na escola, muitas vezes os alunos chegam à escola com uma linguagem que o professor considera errado e sem querer o professor termina por estigmatizar a fala do aluno. Antes de tudo isso precisa ser evitado. O professor precisa explicar para o aluno que existe a chamada variação linguística, que mesmo as palavras sendo erradas, podem sim está correta, mas que para a linguagem coloquial está errada, porém deixando claro que não é o seu modo falar que está errado, mas a forma que ele está falando. Uma coisa é falar errado e outra coisa é entender o que é a língua padrão ou que é assim considerada, isso sim é o precisa ser quebrado. Levando-se em conta que são as variações linguísticas são variáveis. O exemplo disso é a língua portuguesa.

A língua portuguesa vem de Portugal, mas quando é falada aqui no Brasil é totalmente diferente. Temos cinco regiões, mas cada região tem um sotaque e uma maneira diferente de expor a sua linguagem, visto que, termina não se entendendo e se chegando à conclusão, mesmo que de forma errada que falamos a mesma língua. Falamos sim, isso é fato, mas temos que levar em conta as chamadas variações linguísticas que estão presentes nas mais diversas

culturas brasileiras. Tomamos como exemplo dessa variação a literatura de cordel, tão presente na cultura nordestina, mas que reflete a história de um povo que de sol a pique vivem dia-a-dia enfrentando suas dificuldades.

Enfim a sociolinguística usada para compreendermos as mais variadas formas de linguagem nada mais é o do que uma maneira de mostrar a linguagem desde a sua origem ou simplesmente para desmitificar o mito da língua que estão presentes em todos os meios que nós seres humanos usamos para nos comunicarmos, tão bem esclarecido por Marcos Bagno no seu livro *preconceito linguístico* na qual ele mostra o quanto o vício de linguagem está presente. Então, não existe uma linguagem certa ou errada, existe sim uma norma padrão para todas as línguas na qual uma palavra pode muito bem está correta na linguagem não coloquial, mas que quando parte para a coloquial, está errado.

Neste sentido há, portanto um estigmatismo ou um massacre a linguagem em uma língua que sabemos que ao longo do tempo sofre grandes transformações. Podemos citar como exemplo as mudanças que ocorreram com o que chamaram de reforma ortográfica. Mas não podemos dizer que foi positivo, pode até ter sido, mas ao mesmo tempo em que ajudou também atrapalhou. Visto que, palavras que se escreviam antes da reforma se formos escrever agora estão erradas, isso se formos levar em conta as normas padrões da língua portuguesa. Enfim o que precisa ser estabelecido no uso da língua é o respeito ao cidadão, ou seja, o seu modo de falar independentemente da sua classe social e modo de falar, de modo que sirva para tornar o cidadão um ser humano melhor em que seja claro que o uso correto da linguagem dentro do campo sociolinguístico tenha contribuído para uma plena obtenção de sua cidadania de forma a não está adequada à linguagem coloquial ou norma padrão da linguagem.

A solução possível para que o preconceito linguístico seja amenizado seria a conscientização já na escola com a atuação do professor, como formador de opinião, tentando combater o preconceito linguístico e não alimentá-lo, acabando assim com essa forma errônea de que só tem uma forma “certa” de usar a fala que seria a norma padrão, e tudo que vai ao contraio é considerado errado. Um passo importante seria estudos mais críticos com a intenção de refletirmos com as pessoas usam sua variação linguística e desprender-se dessa tradição do erro. Devemos nos conscientizar de que língua vive em constante mudança. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, pois transformaremos em um poço de preconceito linguísticos, temos sim que levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades de uma determinada língua.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*: parte I. In: Ana Christina Bentes (Org.). **Introdução a linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47

ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática**: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2001.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____. **A língua de Eulália**. Novela sociolinguística. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. revista e ampliada – São Paulo. Parábola Editorial, 2015.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Disponível em: <<http://files.comunidades.net/ramalde/marcosbagnopreconceitolinguistico100619193317p hpapp01.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1986.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Sociolinguística*: parte II. In: _____. (Org.). São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CLEMENTE, Thalita Fernandes. **As concepções de gramática e sua prática em sala de aula**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_2/141.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CUNHA, A. F; COSTA, M. A; MARTELOTTA, M. E. *Linguística*. In: Mário Eduardo Martelotta. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p.15-30. 45

CUNHA, C; CINTRA, L. **Breve gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1985.

DUARTE, Inês Silva. *Mudam-se os tempos, muda-se a gramática*. In **Gramática: história, teorias, aplicações**/Ana Maria Brito. Porto, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

LOPES, José de Ribamar (org.). **Literatura de Cordel; antologia**. 3. ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.1. -7. Ed. –São Paulo: Cortez, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática-história, teoria, análise e ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Que gramática estudar na escola?** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2011

ORLANDI, E. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PROENÇA, Ivã Cavalcante. **A Ideologia do Cordel**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, 1976.

SAUSSURE, Fernand de. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.